

**RELATO DE EXPERIÊNCIA CURATORIAL: EXPOSIÇÃO “RAÍZES DE RESISTÊNCIA” NO  
MUSEU MUNICIPAL FRANCISCO COELHO EM MARABÁ/PA**  
**CURATORIAL EXPERIENCE REPORT: THE EXHIBITION ‘ROOTS OF RESISTANCE’ AT THE FRANCISCO  
COELHO MUNICIPAL MUSEUM IN MARABÁ/PA**

Lara Luz Coelho Vieira<sup>1</sup>  
Izanne Carvalho Barbosa<sup>2</sup>  
Gilvan Maciel Gomes<sup>3</sup>  
Emily Vitória Paiva da Silva<sup>4</sup>  
Wellington Mota Luz<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo refletir criticamente sobre os processos coletivos de imaginação e execução curatorial associados à exposição Raízes de Resistência, inaugurada em agosto de 2025 no Museu Municipal de Marabá. A mostra trata do uso da madeira socialmente apropriada pelas comunidades indígenas, na produção de bordunas em comunidades localizadas na região do Sul e Sudeste do Pará. As dinâmicas criativas dessas bordunas são produzidas a partir de várias etapas, desde o processo de seleção da madeira até a decoração, esta última realizada majoritariamente por mulheres nas aldeias. Tudo isso sinaliza para a complexidade que envolve essa prática cultural tradicional nas comunidades indígenas. A compreensão gradual desse processo possibilitou a realização de uma exposição pensada coletivamente, cujo caráter plural pode ser entendido como prática decolonial aplicada a espaços de poder, como museus. Na medida em que a exposição se valeu tanto de análises laboratoriais da madeira quanto de conhecimentos tradicionais advindos das populações indígenas envolvidas na curadoria, a mostra conservou a natureza múltipla das construções de conhecimentos, tornando-se uma das mais significativas exposições do Museu de Marabá no ano de 2025.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exposição Decolonial; Conhecimentos Tradicionais; Curadoria Coletiva; Bordunas Indígenas

**ABSTRACT:** This article aims to critically reflect on the collective processes of imagination and curatorial execution associated with the exhibition “Roots of Resistance,” which opened in August 2025 at the Municipal Museum of Marabá. The exhibition addresses the socially involved use of wood by indigenous communities in the production of borders in communities located in the South and Southeast regions of Pará. The creative dynamics of these borders are produced through various stages, from the wood selection process to the decoration, the latter carried out mainly by women in the villages. All of this points to the complexity involved in this traditional cultural practice in indigenous communities. The gradual understanding of this process enabled the creation of a collectively conceived exhibition, whose plural character can be understood as a decolonial practice applied to spaces of power, such as museums. Insofar as the exhibition draws on both laboratory analyses of the wood and traditional knowledge shared by the indigenous populations involved in the curation, the show preserved the multiple nature of knowledge constructions, becoming one of the most successful exhibitions at the Marabá Museum in 2025.

**KEYWORDS:** Decolonial Exhibition; Traditional Knowledge; Collective Curatorship; Indigenous bordunas

---

1. Mestre em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Diretora do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: larialuzvieira@outlook.com.

2. Licenciada em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Mestranda em História pelo PPGHIST/ Unifesspa). Coordenadora de pesquisa do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: izannecarvalho123@gmail.com.

3. Mestre em História pelo PPGHIST/Unifesspa. Bacharel em Direito pela Faculdade dos Carajás e graduado em História pela Unifesspa. Historiador do Museu Municipal Francisco Coelho (Marabá-PA) e docente do curso de Direito da Faculdade dos Carajás. E-mail: maciel.gil.gomes@gmail.com.

4. Licenciada em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Coordenadora de comunicação do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: emilyvitoriapaiva16@gmail.com.

5. Licenciado em História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Mestrando em História pelo PPGHIST/ Unifesspa. Coordenador de projeto do Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). E-mail: mota.luz@fundacaocasadaculturamaraba.org

## INTRODUÇÃO

O Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC), extensão da Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM), realizou em 2025 uma exposição temporária denominada como “Raízes de resistência: a cultura da madeira da Amazônia indígena e a construção de identidades a partir do território”, resultado de curadoria colaborativa entre historiadores, representantes indígenas Xikrin, e cientistas do Laboratório de Ciências e Tecnologia da Madeira (LCTM) da Universidade Estadual do Pará (UEPA)<sup>6</sup>.

O presente artigo tem como finalidade analisar alguns aspectos principais do processo de curadoria colaborativa dessa exposição, focando no elemento da experiência curatorial e seus desdobramentos. Nesse sentido, buscamos avançar ainda na compreensão de fundamentos conceituais e escolhas expográficas que tornaram a referida experiência em alvo de reflexão e escrita. O alcance deste relato contempla aspectos importantes das dimensões museológicas e históricas da exposição, bem como expõe os aportes técnico-científicos provenientes da análise anatômica da madeira, permitindo articular práticas curatoriais e conhecimentos indígenas no contexto museal amazônico.

Os elementos analisados neste artigo derivam de um conjunto de registros produzidos ao longo do processo curatorial, de modo que foram exibidas principalmente as fotografias que marcaram a elaboração curatorial como um todo, desde a montagem, até sua finalização e abertura. Assim, grande parte dos elementos imagéticos apresentados foram fruto de registros internos produzidos pela equipe do museu, e que marcam um trabalho

importante de registro curatorial/expositivo, de modo a conferir maior projeção a uma exposição de caráter temporária.

A seleção deste material seguiu como critério dada a pertinência direta com o processo de elaboração da exposição e sua capacidade de evidenciar decisões curatoriais, negociações culturais e interpretações técnicas da madeira. Assim, a ideia foi pensada para priorizar contribuições plurais que auxiliaram nos fundamentos conceituais e colaborativos que orientaram a expografia. Dessa forma, privilegiamos a interpretação dos materiais selecionados, com ênfase na compreensão do diálogo entre conhecimentos indígenas e práticas museológicas contemporâneas.

Um dos elementos centrais da exposição, e, conseqüentemente, deste artigo, é a borduna (Figura 01), artefato tradicional indígena presente em diversas etnias que ocupam o território brasileiro. A borduna consiste em um instrumento de tamanhos variados, robusta e densa produzido a partir de madeiras específicas, cuja escolha envolve critérios técnicos, estéticos e cosmológicos avaliados pelos povos que as produzem. Algumas das madeiras selecionadas para a confecção de bordunas são consideradas “nobres”, em função de sua densidade, durabilidade e maior procura em demandas de mercado. Utilizada tanto em contextos de guerra quanto em performances culturais e práticas cotidianas, as bordunas expressam símbolos de identidade e relações profundas entre as comunidades indígenas, território e a floresta.

Como seu processo de confecção envolve etapas coletivas e marcadores visuais transmitidos entre gerações, a borduna constitui um objeto que articula técnica, saberes tradicionais e territoriali-

6. A seguir, a ficha técnica da exposição. Realização: Prefeitura Municipal de Marabá - PMM, Fundação Casa da Cultura de Marabá- FCCM, Museu Municipal Francisco Coelho - MMFC, Liga de Ciência e Tecnologia da Madeira - UEPA, Acervo da Xiloteca Joaquim Ivanir Gomes - UEPA. Concepção e Orientação: Luiz Eduardo de Lima Melo - UEPA, Lara Luz Coelho Vieira - MMFC, Thais Lucena Cariello - FCCM, Mirtes E. A. Manaças - FCCM. Peças: Parakanã, Xikrin, Mebêngôkre, Aikewara (Suruí). Apoio/Pesquisa: Ismael Mota, Patrícia Machado, Laise de Jesus dos Santos, Mariane Baião Sousa, Orlandina Vasconcelos Saraiva. Coordenação e Curadoria: Gilvan Maciel Gomes - MMFC, Giovanny Silva - MMFC, Izanne Carvalho Barbosa - MMFC, Emily Vitória Paiva - MMFC, Luiz Eduardo de Lima Melo - UEPA, Lara Luz Coelho Vieira - MMFC, Mirtes E. A. Manaças - FCCM, Nhoka-e Xikrin, Otore Xikrin, Wellington Mota Luz - MMFC. Montagem: Antônio Marcos, Maria Quitéria, Paulo Taveira. Mediadores: Alex Santos Eugênio, Amanda Carvalho de Melo, Emanuele Magalhães, João Pedro Cunha de Souza, Kárita Fontes, Larissa Kiara.

dade – razão pela qual sua compreensão é essencial para interpretar a lógica curatorial da exposição analisada. É importante encarar a borduna como um elemento originalmente produzido para a guerra, mas que sofreu um processo de ressignificação importante. De modo que atualmente, é possível que ela represente um forte emblema de resistência, território e identidade, sendo inclusive instrumentalizada em trajes tradicionais no contexto de luta dos povos indígenas por seus direitos.

As Bordunas exibidas na exposição “Raízes de resistência” foram estudadas pelos membros

do LCTM/UEPA e as etnias as quais pertencem são Parakanã, Xicrin Mebengôcre e Aikewara Suruí, comunidades parceiras do setor de etnologia da FCCM. As principais matérias primas utilizadas na criação de bordunas foram identificadas como sendo derivadas de diversos tipos de madeiras consideradas nobres como: Acapú, Ipê, Pau-preto, Guaçatunga-preto e Castanheira do Pará. Essa informação é relevante no contexto desse relato porque demonstra o critério de seletividade do material manipulado para este fim.

**Figura 01** - Foto de duas bordunas expostas na mostra mencionada.



**Fonte:** Acervo do Museu Municipal Francisco Coelho - MMFC.

Partindo de tais premissas, a exposição foi inaugurada no dia 09 de agosto de 2025, data reconhecida como Dia Internacional dos Povos Indígenas, e esteve exibida e aberta ao público até o mês de outubro de 2025. A iniciativa dessa mostra, por sua vez, não configurou um movimento isolado/pontual dos curadores do MMFC. No início do ano de 2025, foi elaborado um projeto para o desenvolvimento de ações e proposição de reflexões sobre pluralidade e desafios étnico-raciais de Marabá e região Sul e Sudeste do Pará.

A iniciativa do “I Circuito de Relações Étnico-Raciais da Fundação Casa da Cultura de Marabá”, surgiu do interesse da direção e coordenação do MMFC, em parceria com os setores de Educação Patrimonial e Etnologia da FCCM, buscando atuar através do equipamento público como ferramenta de educação cidadã. Dessa maneira possibilitando a promoção de maior acesso das populações que discutem essas temáticas no ambiente museal, de forma a tornar cada vez mais acessível o debate público em torno de pautas sociais relevantes.

Tudo isso sinalizou um movimento importante que desencadeou outras atividades integradas ao circuito de relações étnico-raciais, com programação anual de debates e exposições. Posta a necessidade contextual (histórico de problemas ambientais e violências/invisibilização da pluralidade étnica da região), é evidente a urgência por investimento e compromisso na promoção de diálogo e de trocas de experiências, sobretudo em ambientes com potencial educacional, como os museus, quando dispostos à atuação cidadã em busca de transformação de realidades desiguais (Cazelli; Valente, 2009).

Nesse contexto, a exposição “Raízes de resistência”, concebida a partir de referências plurais e colaborativas, opera enquanto um importante vetor de debate local em torno da temática cultural e científica, que engloba o reconhecimento dos conhecimentos desenvolvidos a partir das experiências indígenas em territórios amazônicos. De modo a viabilizar e ampliar a percepção sobre a própria

construção da ideia de ciência, conhecimento e cultura indígena.

## **CURADORIA COLABORATIVA E VALORIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS INDÍGENAS**

O fazer curatorial crítico consiste em compreender as potencialidades de rupturas epistêmicas no espaço museal, segundo Manoel Silvestre Friques e Ricardo Basbaum, “uma curadoria descolonial pode também, a partir das fenomenologias ameríndias, pôr em movimento um processo de indigenização de currículos e espaços expositivos” (Friques; Basbaum, 2020, p.14). No contexto do Museu Municipal Francisco Coelho em 2025, o exercício de aproximação junto aos grupos marginalizados em narrativas oficiais, consiste também em assumir que estes constituem a história de ocupação e formação da região Sul e Sudeste do Pará. E esse pressuposto sempre esteve claro no processo de elaboração da exposição, visando compor um espaço que valorize e estimule a produção de novos conhecimentos museais críticos (exposições, palestras, intervenções como as do I Circuito de Relações Étnico-Raciais).

Desse modo, a presente exposição aqui debatida configura um exercício crítico de descolonização, à medida em que são questionadas as ausências nesses ambientes de poder, e a reação a elas é justamente a promoção de ações que incluam esses grupos na narrativa museográfica. Um outro movimento realizado é a busca por complexificar as narrativas de passado e presente, tal como aponta Michelle Dona (2021, p. 27), “[...] não se trata somente de compreender que a temporalidade dos fatos mudou, é preciso explorar as fissuras do tempo e da história que invisibilizaram e marginalizaram certos grupos em detrimento de outros”.

Nesse sentido, a mostra constrói um caminho que inaugura uma prática importante no MMFC: a de oferecer ambientes de escuta aberta para que os sujeitos históricos, produtores de conhecimento prático e cotidiano, agenciem a manei-

ra como suas histórias serão contadas em outros espaços. Esse movimento só é possível graças ao que Aquino (2016, p. 99) chamou de exposição colaborativa.

Nas práticas colaborativas, a dimensão do “trabalho com a diferença” (RODRIGO, 2007) estabelece de partida uma especificidade: não se trata apenas de tomar parte, como nas perspectivas da inclusão/exclusão, ou da aceitação das diferenças, versadas na polaridade tolerância/intolerância. “Colaborar” é inventar, a cada momento, formas de “fazer com” o outro. No “fazer com” não há distâncias ou isenção, mas sobretudo a mobilização de dimensões afetivas e hápticas (RODRIGO, 2007) em um encontro que pressupõe reconhecimento e valorização mútua. Deste modo, a colaboração é fundamentalmente marcada pela reciprocidade ou mutualismo (Aquino, 2016, p. 99).

No processo de curadoria, que durou de março a agosto de 2025, a assinatura da exposição foi resultado de produção conjunta composta pelos seguintes membros: Gilvan Maciel, Giovanni Silva, Izanne Carvalho Barbosa, Emily Vitória Paiva da Silva, Luiz Eduardo de Lima Melo, Lara Luz Coelho Vieira, Mirtes Manaças, Nhoka-e Xikrin, Orlantina Saraiva, Otore Xikrin e Wellington Mota Luz. O objetivo do envolvimento de tantas pessoas foi justamente exercitar o fazer curatorial colaborativo e a produção de uma exposição capaz de propor novas formas de encontro e reflexão sobre os usos da madeira no contexto multiétnico do Sul e Sudeste do Pará.

Nesse sentido, o engajamento social do curador reside substancialmente na consciência de que seu trabalho não se realiza em gabinete, mas desde e sobretudo com a(s) comunidade(s), tanto de artistas quanto não-artistas. É justamente aí que transborda o potencial performativo da curadoria, aproximando-a mais radicalmente das práticas artísticas [...] (Aquino, 2016, p. 100).

À luz de tais reflexões, é possível afirmar que a experiência curatorial da exposição foi caracteri-

zada pela multiplicidade de perspectivas envolvidas na concepção, expressando a vontade política e a leitura museológica crítica de todos os envolvidos(as) no processo. Isso porque a mostra bebe de estudos anteriores, realizados também de forma conjunta. Para além disso, o elemento principal em destaque foi justamente a contribuição de membros indígenas presentes na curadoria, uma vez que esse fator, conferiu complexidade narrativa a exposição, que vai desde o tom vermelho urucum<sup>7</sup> até as pinturas com grafismos indígenas nas paredes da sala.

Muito embora os dados de experiência tenham constituído uma parte importante do processo de imaginação expositiva, é necessário considerar alguns elementos observados a partir dos estudos realizados pelo LCTM. De acordo com o levantamento realizado pelos membros da Liga da Madeira da UEPA, em artigo publicado no ano de 2022, as populações indígenas na Amazônia brasileira ocupam um território de aproximadamente 23% da área total, o que corresponde a cerca de 424 Terras Indígenas (TIs) distribuídas nesse espaço, a maior concentração mundial de povos indígenas de que se tem registro (Funai, 2020; Isa, 2021).

Tudo isso sugere a grandeza da tradição indígena no território amazônico, que se faz presente de variadas formas. Nesse sentido, a exposição contribuiu para um debate que já existe há muitos anos nas universidades brasileiras, mas que, por vezes, não encontra meios para sair do campo acadêmico e alcançar o grande público. No museu, a esperança é justamente atrair olhares direcionados a esses povos, mas também para os estudos científicos realizados a partir dessa predominante presença indígena nas proximidades de Marabá e região.

Importa salientar que a relação entre o Núcleo de Etnologia da FCCM, Laboratório de Ciên-

7. Derivado do tupi-guarani “uru’ku”, que significa “vermelho”, o urucum é um fruto nativo da América Tropical, conhecido cientificamente como *Bixa orellana*. O fruto é conhecido por dispor de uma tinta vermelha escura e comumente utilizada em pinturas corporais em algumas etnias indígenas como é o caso da Xicrin.

cias e Tecnologia da Madeira (LCTM) e os povos indígenas da região (Xikrin e Aikewara), permitiu à equipe de historiadores do Museu o acesso a esses grupos e o convite para uma primeira reunião de alinhamento sobre o desenvolvimento de uma exposição que fosse capaz de enfatizar e divulgar de forma sensível, artística e científica os usos e abusos de madeiras indígenas que ocorrem na região de Marabá e seus impactos. Nesse contexto, a exposição buscou evidenciar ainda o problema dos focos de extração ilegal de madeira nobre na região, tudo isso a partir dos trabalhos realizados pelo LCTM e demais órgãos competentes.

A pesquisa científica realizada no Laboratório de Ciência e Tecnologia da Madeira e na xiloteca Joaquim Ivanir Gomes da Universidade do Estado do Pará (Uepa), campus VIII, em Marabá, se tornou uma aliada importante para os agentes de órgãos como Polícia Rodoviária Federal (PRF), Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semma) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), envolvidos na fiscalização do transporte e do comércio de madeira de espécies amazônicas. Como Marabá está localizada no sudeste do Pará, cortada pela rodovia transamazônica, é uma cidade por onde passa todo tipo de carga agroflorestal, incluindo a madeira. Então, os estudos realizados por professores pesquisadores da Uepa, com a participação de estudantes do curso de graduação em Engenharia Florestal e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Recursos Naturais e Sustentabilidade na Amazônia (PPGTEC), passou a ajudar na capacitação de profissionais envolvidos diretamente na fiscalização, fornecendo informações para que eles possam fazer a perícia e a triagem da madeira (Freitas, 2024).

Aliado aos trabalhos do LCTM, o Núcleo de Etnologia da FCCM constituiu há décadas uma estreita relação com os povos indígenas das etnias Xikrin, Parkatêjê, Aikewara e Parakanã. Através da equipe à época da curadoria representada por Dra. Mirtes Emília e Orlandina Saraiva, foi possível promover uma aproximação dos discentes da graduação em Engenharia Florestal e Engenharia Ambiental da UEPA junto ao convívio com as comunidades indígenas da região. Com o estágio e atuação direta dos discentes nas terras indígenas,

novos objetos de estudos surgiram, como a análise anatômica da madeira usada por comunidades indígenas na produção de equipamentos tecnológicos utilizados nas aldeias.

Já na universidade, orientados pelo Professor e pesquisador do curso de Engenharia Florestal Luiz Eduardo de Lima Melo na UEPA Campus VIII, pesquisadores (discentes da graduação e pós-graduação) desenvolveram estudos sobre madeiras amazônicas, produzindo imagens laboratoriais (Figura 2D) e análises científicas que foram efetivamente destacadas na exposição. Esse trabalho tem tido impacto social na região, subsidiando atuação de órgãos municipais, estaduais e federais de fiscalização e controle de transporte e comércio de madeiras em extinção.

Uma estratégia expositiva pensada para provocar reflexão e impactos em relação a extração ilegal dessa madeira nobre foi realizar a distribuição de troncos cortados de castanheira (*Bertholletia excelsa*) apreendidos pela Polícia Rodoviária Federal em operação. A ideia era justamente dispor esses troncos no meio da sala sobre uma superfície vermelha em tom de urucum (Figura 2B). O conjunto exposto foi elaborado para explicitar a dimensão material da perda, enfatizando como o desaparecimento dessas árvores impacta não apenas na degradação do ecossistema, mas também afeta a continuidade dos modos de vida indígenas.

Nesta etapa da curadoria, os pesquisadores do LCTM/UEPA contribuíram com informações sobre quais espécies se encontram sob risco e como são identificadas laboratorialmente, enquanto os representantes Xikrin destacaram as madeiras que possuem valor cerimonial, tecnológico e simbólico na produção das bordunas. Assim, a montagem documentada ilustra a própria lógica interdisciplinar da exposição: conhecimento acadêmico e conhecimento tradicional indígena dialogando para comunicar ao público a importância dos saberes indígenas no manejo sustentável da floresta e na construção do saber científico dentro e fora das universidades.

Interessa pontuar, que os estudos sobre anatomia de madeiras amazônicas compõem uma “ciência de natureza interdisciplinar, e quando aplicada como ferramenta investigativa sistematizada associada a outras áreas, pode ajudar a entender aspectos ecológicos, econômicos, culturais e ambientais da Amazônia” (Melo, 2025, p. 25). No contexto sociocultural do Sul e Sudeste do Pará, em que historicamente se enfrenta o desafio do transporte e comércio ilegal de espécies em extinção, acentuam-se os impactos de resultados laboratoriais que permitem diferenciar, através da anatomia da madeira, as espécies protegidas por lei das que podem ser comercializadas.

### **ESCOLHAS EXPOGRÁFICAS DESCOLONIAIS NA EXPOSIÇÃO**

As imagens laboratoriais e anatômica da madeira possibilitadas por microscópio nas pesquisas desenvolvidas no LCTM foram pensadas e escolhidas, durante o contexto curatorial, considerando além do caráter científico, também o impacto visual. As imagens microscópicas da madeira despertaram interesse estético à equipe do MMFC que propôs na disposição expográfica uma composição de impressão gráfica dessas imagens em uma parede de cinco metros, em que as bordunas correspondentes à imagem plotada à parede fosse fixada (Figura 2D).

Portanto, o processo curatorial objetivou tanto evidenciar o trabalho do LCTM/UEPA, que tem sido fundamental no combate e fiscalização dos trânsitos ilegais da madeira amazônica, com a análise microscópica e pesquisa sobre usos sociais de determinadas madeiras de origem nobre. Em geral o manejo da madeira para elaboração das bordunas conserva consigo um processo cujas produções e decorações são comuns entre as etnias da região. Assim, a valorização das perspectivas indígenas sobre as bordunas torna-se fundamental, na medida em que é necessário compreender o significado que esses itens inicialmente associados à guerra simbolizam, e a própria continuidade de

produção de bordunas que representa a luta contemporânea pela sobrevivência de seus modos de vida, ainda não cessada.

Dessa forma, tais objetos configuram equipamentos de guerra que se tornaram símbolos de resistência e da incessante luta por sobrevivência e direitos indígenas. As bordunas, na concepção da curadora indígena Nhoka-e Xikrin (Figura 2C), por exemplo, não poderiam estar expostas de maneira que fosse dado enfoque somente ao caráter laboratorial e/ou estético da madeira. Isso porque os grafismos, a seleção de cores ou mesmo determinados objetos e elementos culturais decorativos presentes na borduna deveriam igualmente compor o ambiente. Ela explicou que são esses objetos que configuram em conjunto o contexto indissociável nos atos de preparação de guerra e outras atividades comuns na vida em comunidade. Assim, só em contato com outros elementos – material de pintura e decoração – a disposição das bordunas na exposição faria sentido na representação das práticas vividas pelas populações indígenas.

Desde a primeira reunião para alinhar as expectativas e desenvolver o conceito da exposição, o princípio basilar foi a escuta coletiva. Na reunião de alinhamento curatorial, as lideranças Xikrins sinalizaram a história que deveria ser contada, bem como a maneira como os objetos deveriam estar dispostos. De modo que os conhecimentos indígenas a respeito da manipulação e uso dos recursos ambientais não fiquem relegados a um lugar de curiosidade ou complemento, mas ocupem o plano central. Dessa forma, partindo de provocações surgidas no âmbito da própria reunião curatorial, foram levantadas problemáticas envolvendo práticas científicas epistemicidas, ou seja, que invisibilizam e inferiorizam os saberes e conhecimentos indígenas em detrimento do saber acadêmico.

O intuito dos trabalhos desenvolvidos pelos bolsistas pesquisadores, supervisionados pelo Núcleo de Etnologia da FCCM e LCTM, ao desenvolverem um estudo da madeira era justamente compreendê-lo enquanto objeto indissociado da vivência nas aldeias. Tudo isso para construir uma

relação de aprendizado com as práticas e relações de cada etnia com a madeira. Esse esforço demonstra cuidado ao valorizar um tipo de experiência que pode favorecer cada vez mais estudos capazes de acrescentar complexidade à pesquisa laboratorial, considerando a preocupação sobre os usos histórico-culturais e os conhecimentos indígenas. Tais conhecimentos tradicionais, muitas vezes não são levados em consideração por perspectivas científicas universalizantes apenas por serem conhecimentos baseados em critérios e práticas indígenas.

A ideia de colonização do conhecimento e do poder nos permite compreender a relação entre a estrutura de poder da dominação colonial e a produção de conhecimento. Assim, o processo de colonização do poder está inseparavelmente entrelaçado com o do conhecimento dentro dos projetos imperiais globais porque a ideia da colonialidade na produção de conhecimento fala diretamente à colonização epistemológica do sujeito não-ocidental. Como consequência, a colonização epistemológica dos povos não-ocidentais acontece através de processos tais como o deslocamento, a disciplina e a destruição de seus conhecimentos (Ndlovu, 2016, p. 134).

Ao associar, no contexto da exposição, a perspectiva científica do LCTM/UEPA de análises anatômicas da madeira à reflexão cultural e escuta/troca com a comunidade indígena, busca-se romper com a visão epistemicida muitas vezes recorrente no campo científico e acadêmico (Vellangia; Silva; Sepúlveda, 2017, p. 17). Por sua vez, considerando o objeto a ser observado, é necessário avaliar critérios de análise, escolhas e processos de experimentações que são empreendidos pelos indígenas nesse processo de seleção da madeira. Com isso, a exposição abre caminhos para perspectivas analíticas críticas sobre o racismo epistêmico no que é considerado método, ciência e tecnologia.

Na figura 2 de letra A, observa-se a presença do curador cacique Otore Xikrin, membro da equipe curatorial, contemplando a imagem ampliada e a borduna correspondente. Sua participação não é acidental, uma vez que Otore contribuiu para definir as cores, os grafismos e a forma de apresentação das bordunas. A presença paramentada dessa

importante liderança na sala, durante a inauguração da exposição, reforça a crítica às expografias tradicionais que silenciam ou invisibilizam os sujeitos produtores dos objetos expostos. Na ocasião, ele também fez questão de conduzir membros de sua comunidade mostrando o que cada elemento simbolizava de acordo com sua concepção, demonstrando não apenas domínio, como apropriação e reconhecimento daquele espaço.

O uso do cocar, no dia da inauguração, também não foi um gesto meramente cerimonial, mas uma escolha carregada de sentido político: marca a presença ativa dos Xikrin na construção da narrativa e evidencia o lugar de fala indígena frente ao discurso acadêmico. A sobreposição entre a textura microscópica da madeira, projetada na parede, e a borduna contemplada pelo próprio cacique sintetiza o argumento central da mostra: a madeira não é apenas recurso natural ou material de análise, mas tecido vivo de relações sociais, cosmológicas e territoriais.

Foi necessário à equipe não-indígena que compunha a curadoria, uma compreensão de que a forma com que dispusessem os elementos precisariam respeitar a complexidade da relação daquele povo com o objeto. Visto que, segundo a visão Xikrin, a borduna precisava estar necessariamente associada na expografia e disposição das peças aos grafismos e aos elementos culturais utilizados em conjunto com as bordunas nos seus usos na aldeia. A ideia era apostar algumas especificidades, como o fato de que o trabalho decorativo das peças era feito predominantemente por mulheres na aldeia.

Assim, com a escuta e colaboração conjunta da comunidade Xikrin, Nhoka-e Xikrin e Otore Xikrin definiram as cores que fariam sentido para a identidade visual da exposição, produziram os grafismos que foram reproduzidos nas paredes da exposição pela equipe de montagem do MMFC, demonstraram o sentido das bordunas, seus símbolos e usos, e posteriormente protagonizaram a cerimônia de inauguração da exposição no dia 09 de agosto de 2025.

Sobre isso a curadora Nhoka-e Xikrin, fez questão de ser fotografada em frente a pintura representativa da tradição de sua comunidade (Figura 2C). Na imagem, ela aparece segurando uma criança pequena em um acessório de pano que mantém o recém-nascido próximo a seu corpo. A foto é carregada de simbolismo não só em virtude

de seu impacto estético visual, mas sobretudo por trazer uma centralidade para a presença feminina indígena ao debate. Como curadora, como liderança e como parte de uma cultura profundamente rica, Nhoka-e Xikrin foi parte elementar para a concepção desta exposição, suas escolhas e críticas.

**Figura 02** - Exposição Raízes de resistência



**Fonte:** Acervo do Museu Municipal Francisco Coelho – MMFC.

**Imagem A:** Curador Cacique Otores Xikrin usando Cocar cerimonial e observando a parede onde estavam dispostas as bordunas sobre as imagens laboratoriais. **Imagem B:** Disposição de troncos de castanheiras sobre a superfície vermelha em tom de urucum como representação do desmatamento ilegal. **Imagem C:** Curadora Nhoka-e Xikrin, representante feminina da comunidade de Xikrin à frente de uma pintura corporal tradicional de sua comunidade. **Imagem D:** Parede onde estão dispostas as Bordunas sobre as imagens anatômicas e microscópicas correspondentes a cada uma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exposição “Raízes de resistência: a cultura da madeira da Amazônia indígena e a construção de identidades a partir do território”, simbolizou um marco em termos de curadoria museal colaborativa com grupos indígenas no contexto marabaense. Em futuros artigos, será possível dar continuidade reflexiva à mediação pós-inauguração e aos impactos, sobretudo diante do evento de inauguração da exposição, visto que tomou grande proporção, tornando-se um acontecimento importante para a história institucional do Museu Municipal Francisco Coelho no ano de 2025.

Ações dessa natureza são de significativa importância para a inserção de comunidades indígenas em espaços museais, enquanto agentes construtores do processo curatorial. Estando presentes em todo o processo, desde a imaginação até a inauguração da mostra, as comunidades puderam se apresentar enquanto sujeitos ativos, que ocupam uma série de espaços e introduzem suas visões de mundo e de natureza. Nesse sentido, compreender o elemento tecnológico e científico enquanto um saber dotado de historicidade nas trajetórias dos povos originários é reconhecer suas vivências enquanto instrumentos de poder e de fortalecimento cultural.

O presente relato de experiência constitui um esforço de publicização das atividades realizadas no museu junto às populações presentes nesse espaço, na esperança de torná-lo cada vez mais democrático, acessível e reconhecido enquanto mais um ambiente de memória, mas também de luta e de debates públicos. A existência dessa exposição demonstrou a relevância do caráter colaborativo, plural e diverso, que será replicado e aprimorado em mostras futuras.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Rita. Arte participativa, mediação cultural e práticas colaborativas: perspectivas para uma curadoria expandida. **Repertório**, Salvador, n. 27, p. 90-103, 2016.

DE FREITAS, Nairys Costa et al. Ciência e diversidade: a astronomia indígena como meio de combater o racismo na educação. **Cenas Educacionais**, v. 7, p. e21965-e21965, 2024.

DE LIMA MELO, Luiz Eduardo. Madeiras históricas da região sudeste do Brasil. **Acta Biológica Catariense**, v. 12, n. 2, 2025, p. 25.

DONA, Michelle. **Pensamento Decolonial na Curadoria: Ação e Ruptura no Discurso e Estrutura do Museu**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Porto (Portugal), 2021.

FREITAS, Guaciara. **Pesquisas da Uepa ajudam a fiscalização de transporte e comercialização da madeira**. Disponível em: <https://www.uepa.br/content/pesquisas-da-uepa-ajudam-fiscalizacao-de-transporte-e-comercializacao-da-madeira>. Acesso em: 17 nov. 2025.

FRIQUES, Manoel Silvestre; BASBAUM, Ricardo. O que pode uma curadoria descolonial?. **Poiésis**, v. 21, n. 35, 2020.

GOMES, V. **Exposição destaca força ancestral da madeira na cultura indígena**. Disponível em: <https://dol.com.br/carajas/cidades/maraba/917967/exposicao-destaca-forca-ancestral-da-madeira-na-cultura-indigena?d=1>. Acesso em: 20 nov. 2025.

**JORNAL PORTUÁRIO**. FCCM: Museu Municipal promove 1º Circuito de Relações Étnico-Raciais. Disponível em: [https://jornalportuario.com/noticia/7845/fccm-museu-municipal-promove-1o-circuito-de-relacoes-etnico-raciais#google\\_vignette](https://jornalportuario.com/noticia/7845/fccm-museu-municipal-promove-1o-circuito-de-relacoes-etnico-raciais#google_vignette). Acesso em: 17 nov. 2025.

NDLOVU, Morgan. Por que saberes indígenas no século XXI? uma guinada decolonial. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 127-144, 2017.

SILVA, Alana Assunção da. **Anatomia da madeira e do carvão vegetal de espécies comerciais da Amazônia brasileira como subsídio para fiscalização e controle de qualidade.** Dissertação (Mestrado em Tecnologia, Recursos Naturais e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Naturais e Tecnologia, Belém, 2023.

UEPA. **“Pesquisas da Uepa ajudam a fiscalização de transporte e comercialização da madeira”.** Giovanna Abreu (SECOM), com colaboração de Marília Jardim/Ascom. Disponível em: UEPA. Disponível em: <<https://www.uepa.br/content/pesquisas-da-uepa-ajudam-fiscalizacao-de-transporte-e-comercializacao-da-madeira>>. Acesso em: 17/11/2025.